

Cláudio Henrique Eurípedes de Oliveira

O aspecto ecológico da espiritualidade diante do pensamento sistêmico

RESUMO: No século XXI, os maiores desafios que vamos enfrentar emergem da dicotomia organizacional humana na teia da vida. Segundo os cientistas Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi, as organizações seguiram na contramão do desenvolvimento sustentável. Porém as disparidades entre a organização humana e o ritmo biológico dos ecossistemas exigem uma perspectiva espiritual de uma linguagem para além da tecnocracia. Assim, introduzir a investigação psicanalítica de Carl Gustav Jung a dialogar com a ecologia cristã cria um panorama para pensar uma ecologia de forma integral perante as crises que abatem o mundo.

PALAVRAS CHAVE: Espiritualidade; Sistemas; Ecologia; Filosofia Ecológica; Multinacional.

The ecological aspect of spirituality in the face of systemic thinking

ABSTRACT: In the XXI century, the greatest challenges we will face emerge from the human organizational dichotomy on the web of life. According to scientists Fritjof Capra and Pier Luigi Luisi, the organizations went against sustainable development. But the disparities between human organization and the biological rhythm of ecosystems require a spiritual perspective of a language beyond technocracy. Thus, introducing the psychoanalytic research of Carl Gustav Jung to dialogue with Christian ecology creates an overview to think about an ecology integral in the face of crises that diminish the world.

KEYWORDS: Spirituality; Systems; Ecology; Ecological Philosophy; Multinational.

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28- Febrero-2021 | Aceptado: 30-Marzo-2021.

Introdução

A temática que será abordada advém do interesse de investigar o corpo por meio do aspecto sistemático, pois é possível a contribuição de conhecimento sobre a espiritualidade segundo a perspectiva dos sistemas integrados. Quando se quer refletir sobre o aspecto ecológico da espiritualidade, deve-se, então, considerar que o corpo é interligado com todas as organizações humanas e sistematicamente com o meio ambiente.

► Cláudio Henrique Eurípedes de Oliveira (Strondum), Programa de Pós graduação do Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Autor de correspondência: (✉) mentor.ch.oliveira@gmail.com — [ID](https://orcid.org/0000-0003-1859-2393) <http://orcid.org/0000-0003-1859-2393>.

Se olhar para o ambiente à nossa volta, além de notar a ocorrência da mudança climática percebem-se as ameaças das armas nucleares; o perigo da radiação nuclear; a emissão de dióxido de carbono; a grande produção de lixo não degradável; o esgotamento de recursos naturais e o contínuo riscos de extinção das espécies. Como se já não fosse o suficiente, o modelo de organização industrial e tecnológico também compartilha as causas desses perigos (Capra e Luisi 2014, p. 342).

Com efeito, o controle da natureza, como idealizava o homem moderno, perdeu-se proporcionalmente com o desenvolvimento das organizações humanas, que se orientam para produção e o consumo ilimitado, uma vez que o conglomerado dessas organizações rodeiam os corpos aleatoriamente e ameaçam a conservação da vida.

A vida se organiza através de partes relacionadas e por meio de um sistema de gestão de elementos orgânicos e inorgânicos. Isto é, necessita-se de um corpo para a fixação e os processamentos de substâncias e elementos químico-físicos da *Natureza*, pois ela abarca tanto os aspectos biológicos como também os culturais (Latour 2015, p. 64).

Aliás, a organização humana é responsável não só pela sobrevivência da sua espécie como também das outras existentes. Subentende-se que o desenvolvimento da tecnologia também desempenhou o papel de organizador do modo de vida da humanidade até então; embora ela esteja predominantemente orientada na contramão da permanência da vida no planeta Terra. Urge-se, diante dessa crise contemporânea, mudar a visão para a perspectiva do planeta interligado.

Segundo Capra (2014, p. 430), o sistema Terra opera em um escala muito grande no espaço e também envolve escalas de tempo muito longas”. Nessa lógica, a ação da biosfera - que ocorre e poderá abater a vida na Terra - se desenvolve rapidamente, sobretudo quando o uso da tecnologia se orienta sem prudência; assim a tecnocracia transforma o entendimento *geo-histórico* em apenas paisagismo inerte das ações humanas (Latour 2020, p.38); mas a *geo-história* – sobretudo nos últimos tempos – escreveu nas suas páginas que nunca

fora privada de sua capacidade de agir; pois, é o que se nota nas bruscas alterações climáticas sobre a face da Terra.

Mesmo assim, a responsabilidade antrópica é desviada pelos interesses econômicos através de estratégias de suspeição do efeito da ação do ser humano no meio ambiente. Em vista disso, diante da pergunta, o que é a vida? intenciona-se outra de caráter complementar: como garantir a conservação da vida diante das crises que afetam o mundo contemporâneo?

A espiritualidade: o humano e o ambiente

Os cientistas Capra e Luisi demonstram na sua obra *A teia da vida* que a vida se estende como uma teia que se comporta na forma de estados dinâmicos entre indivíduos. O corpo humano, dessa forma, está sujeito ao processo da evolução, mas a vida ameniza de qualquer maneira a disparidade entre as espécies e o meio, porque ela é complexa e *não linear*.

Esse sistema complexo *não linear*, por seu turno, possui múltiplas funcionalidades – não se comporta apenas de forma singular e binária como o próprio nome o define. Sendo ele polissêmico realiza várias interações, e as aparentes contradições são formas de complementar as diversas ligações complexas do sistema, inclusive as organizações humanas (Capra 2014, p.439).

Como parte disso, a tradição judaico-cristã preparou o terreno cultural para a construção dos valores modernos, os quais aprofundaram a diferença entre coisas *animadas* e *inanimadas*, porém (Latour 2015, p.121). Tanto que a modernidade concebeu o entendimento da *natureza binária* e restringiu a sua potencialidade para agir, senão o fato dela ser atravessada pelo comportamento humano.

Os fenômenos naturais, por sua vez, contrariam a perspectiva inerte da natureza. Mais do que nunca as organizações humanas sofrem constantes abalos que se intensificaram desde o final do século passado. Uma vez que a permanência do ser humano na Terra trata-se de uma luta e ao mesmo tempo uma negociação com a dinâmica ecológica; nunca antes o ser humano conquistou tamanho avanço tecnológico, mas também a vida do planeta tornou-se eminentemente ameaçada como nos tempos de hoje. Já que a organização humana desenvolveu uma forma de exploração ilimitada dos recursos naturais.

Basta voltar na história e observar os efeitos das *Grandes Navegações* somadas às consequências recentes do pacto econômico globalizado entre os membros da

Organização Mundial de Comércio (OMC) - conhecido como “acordo de Washington” (Capra 2002 p.141). As ações dos humanos no ecossistema, de lá para cá, nada mudaram substancialmente, senão por causa da ocorrência de “novas” estratégias e métodos de explorações ecológicas.

Mas o documento *Laudato Si*, elaborado pelo papa Francisco, renova a postura cristã da Igreja Católica frente às crises ecológicas. Estabelece-se uma crítica sobre a organização do ser humano sobre a face do planeta. No ensejo, a *Encíclica* reorienta a interpretação do *mando de Deus*¹, que se refere ao domínio do homem na Terra.

Segundo o papa Francisco (2015, §67), as escrituras lidas por uma justa hermenêutica declara que o Criador ordenou ao homem a “cultivar e guardar” a Terra, e não o contrário – comumente interpretado pelas tradições modernas –, as quais se inclinam para negligenciar a reciprocidade sistêmica entre as criaturas e também a responsabilidade das ações dos seres humanos com o ecossistema.

Sendo assim, as explorações dos recursos naturais se propagaram de forma intensiva e ilimitada. Os ecossistemas, com efeito, são explorados em nome do progresso, pois os humanos esqueceram que “o nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (Francisco 2015, § 2).

A negligência da realidade sistêmica, entretanto, encaminha o ser humano para o mundo criado pela interpretação monolítica (Francisco, 2015, §6). À medida que o desenvolvimento econômico progride desordenadamente, porquanto, o extrativismo inconsciente intensifica sobre os recursos da natureza (Francisco 2015, §4-5). O cinismo, com efeito, cresce simultaneamente entre os exploradores, como também as catástrofes ecológicas ocorrem de forma incomensurável no mundo contemporâneo.

Portanto, o desenvolvimento tecnológico e industrial se move, a passos largos, para a forma tecnocrática. Logo as características culturais do mundo foram negligenciadas pela voracidade capitalista; e a invasão do ecossistema pelo “progresso”, que acelera o processo evolutivo. Isto é, mesmo que a evolução se caracterize de forma randômica, ainda a tecnocracia capitalista direciona o

¹ Cf. Gênesis 2, 15

comportamento do ser humano para a autodestruição (Capra e Luisi 2014, p.343).

Basta observar a contínua ameaça das crises políticas cujos expoentes são a China, os Estados Unidos e a Rússia, como também os países não menos importantes na geopolítica, a Coreia do Norte e o Irã. Esse contexto revela o desenvolvimento dispare da tecnologia e da racionalidade instrumentalizados pelos interesses políticos.

Então, torna-se imprescindível a mudança da consciência ecológica para uma dimensão global. A inclusão da espiritualidade na vida ecológica, dessa forma, é justamente voltar o ser humano para a maneira sustentável dele com o mundo e consigo mesmo. Segundo Capra e Luisi (2014, p. 345), a espiritualidade conecta a psique humana a vontade incomensurável de buscar a experiência da descoberta interior e exterior.

Se os avanços tecnológicos foram os responsáveis pelo progresso do desenvolvimento humano, as crises existenciais da humanidade aprofundaram proporcionalmente a extração dos recursos naturais. Por detrás das atividades das multinacionais escondem-se as ações anti-humanitárias: produtos como calçados, equipamentos eletrônicos, adornos, vestimentas e peças preciosas guardam consigo em grande escala o trabalho escravo, a exploração do trabalho infantil, dentre outras formas de atividades subumanas.

Assim o capitalismo predatório utiliza-se da estratégia de naturalizar a violência e subjugar os povos sob o véu do “novo” imperialismo disfarçado de empreendimento global. Como se pode ver, a tecnologia por ela mesma é frágil e se instrumentaliza a favor dos apetites egoístas dos humanos.

A normatização técnica, entretanto, está para ciência como a religião está para a espiritualidade. Elas são importantes fatores que podem alterar o destino e o bem-estar da civilização moderna, quando pragmaticamente equilibradas, segundo Capra e Luisi (2014, p. 343).

Ora, o risco pragmático na psique humana é iminente quando se percebe o desequilíbrio para isolar a dinâmica da vida, dogmaticamente. Tal risco, com efeito, transforma-se na forma irrevogável de traduzir a realidade. Logo, o *fundamentalismo*, segundo Capra e Luisi (2014, p. 349), instala na psique humana a dinâmica cultural que confina a espiritualidade em modelos que utilizam a ciência e a religião.

A espiritualidade não pragmática, pelo contrário, proporciona a experiência plena do ser humano com a totalidade por meio de um forte sentimento de pertencimento. Vejamos que o fundamento da discórdia entre o ser humano e o meio ambiente relaciona-se com o seu afastamento da natureza e de si mesmo (Capra e Luisi 2014, p. 344).

Por isso, o desdobramento do tecido da vida nos revela, ao considerar a espiritualidade, quão estreita é a ligação entre indivíduo e o ecossistema (Capra e Luisi 2014, p. 345). A espiritualidade surge, com efeito, justamente entre a tensão do corpo humano e o mundo material, pois ela ocorre de forma encarnada no corpo em relação ao meio.

Como veremos, segundo Capra e Luisi (2014, p. 345), “a percepção central, nesse momento espiritual, é um profundo sentimento de unidade com tudo, em sentido de pertencer ao universo como todo”. Isto é, uma espécie de plenitude que se justifica na forma imediata de perceber o ecossistema de maneira integrada.

Entre a produção humana e o ecossistema

A relação degradável do homem com seu meio é consequência do fraco aspecto moral somado à ignorância ecológica. Sendo que a primeira se transformou em uma estratégia das grandes empresas para procrastinar as ações sustentáveis, e a segunda a sustentação das ações dos detratores da vida por meio de manipulação psicossocial.

Os modelos atuais da produção e do consumo possuem, assim, a estratégia de mascarar a degradação ambiental por meio da apropriação do discurso ecológico; pois utilizam, do *mass media* para reverter os discursos ecológicos a favor dos interesses exploratórios das multinacionais por meio de ações seletivas no meio ambiente (Francisco 2015, § 26). Nota-se, então, a consequência dessa estratégia de manipulação: o círculo vicioso do comportamento manejado entre os seres humanos para resolver parte dos problemas ecológicos, ao passo que agrava outros a favor do lucro.

Segundo Latour (2015, p.68), o discurso moral sobre a crise climática é usado pelos manipuladores como o bastião em defesa do imediatismo econômico, comercial e produtivo. O *geossistema* é submetido ao estado crítico em nome do lucro, com já foi dito antes, acredita-se que a capacidade de reação climática se

condiciona apenas as arbitrariedades do ser humano; porém se esquece do risco iminente da *mutação climática* não mais se reverter ao ponto de deixar a vida humana insustentável.

Nada obstante a forma ultrajante de exploração ambiental contínua, uma vez que os detratores da ecologia procuram naturalizar o comportamento da sociedade de consumo exacerbado. Eles impõem o isolamento estético à psique e superpõe o frio cálculo tecnocrático. Que, por sua vez, impulsiona o indivíduo a perder o apreço estético e o torna incapaz de notar as relações polissêmicas que existem entre as coisas da *Natureza* (cultural e biológica).

Daí as multinacionais já entenderam que as motivações humanas não são meramente consequências de uma base racional. O ser humano é motivado por forças invisíveis capazes de operarem o seu comportamento no meio em que vive. Assim, voltar-se para espiritualidade compreende não se encerrar no aspecto moral da religião, mas investigar as potências inconscientes da psique humana.

De acordo com Jung (1964, p. 35), o ser humano moderno se abate por certos acontecimentos de que não se toma consciência. Logo, a falta de espiritualidade em sua vida o torna ignorante quanto ao conhecimento interior e exterior. As explorações inconscientes do meio, então, tornam-se um fator de importância extrema para as multinacionais manterem a contínua produção e o consumo contra a vida.

A saber, a todo tempo a psique humana é ameaçada por emoções incontidas, isso acontece porque a aquisição da consciência se trata de uma conquista muito recente, quando se leva em conta o processo evolutivo da espécie humana (Jung, 1964, p. 23). Em vista disso, dominar o fluxo das emoções é uma estratégia do poder para promover uma concorrência entre as ideias. Com efeito, quando mais energias emocionais são despendidas às ideias, as chances de uma sobrepor à outra aumentam respectivamente as cargas emocionais.

Sendo assim, o organismo humano conhece muito pouco a consciência, porque nela sempre há um ponto de fuga que destina as ações humanas para uma zona obscura; a qual se revela posteriormente como surpresas nos hábitos e ações inconscientes do ser humano (Jung 1964, p. 56). Logo, investigar as forças do inconsciente é o mesmo que visitar regiões inéditas do ecossistema, haja vista que o corpo é um subsistema dele.

Por isso a ecologia de característica integral exige categorias de análises que se estendem para além da linguagem das ciências aplicadas (Francisco 2015, § 11). O ecossistema, que se compõe de relações interdependentes, possui áreas ainda raramente conhecidas; porém elas exercem influências no funcionamento do sistema em geral.

Igualmente o inconsciente é um subsistema pertencente à psique humana anexada no corpo, o qual se compõe com o ecossistema as características multifuncionais; e a psique guarda evolutivamente a complexidade de temas emocionais, os quais são reservados pela ordem do esquecimento. Assim os distúrbios psíquicos saltam das profundezas da alma humana o suficiente para convalescer a saúde e o bem-estar do indivíduo (Jung 1964, p.30).

À medida que a psique seja tolhida dos impactos das situações inovadoras produzidas pelo processo de *circunvolução*; há surpresa de que a espécie e o ambiente transforma a relação no perigoso influxo da saúde humana; porque o indivíduo desenvolve aversão pelo que é novo e de alguma maneira se estagna psicologicamente (Jung 1964. p. 33).

Consequentemente, o processo de exploração ilimitada dos recursos naturais, promovidos pelas multinacionais, de alguma forma aprendeu tirar vantagem dessa fragilidade da consciência para enclausurá-la no processo de exploração ilimitada. Ora, a consciência pode ser influenciada por preconceitos, que são capazes de dilatar o abismo entre os instintos normais da natureza e uma vida mais ou menos artificial (Jung 1964, p. 56).

Também, segundo Jung (1964, p. 56), “todas essas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade; e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbada e exposta, quase sem nossa defesa, a esses incidentes”. Portanto, observa-se que neste difícil jogo de evidências, entre a consciência e a sua falta, a relação das organizações humanas com o ecossistema é conflitiva; uma vez que a organização tende-se para produção linear e o ecossistema circular (Capra 2002, p. 242).

Por isso o impacto dessa relação ocorre de maneira duplamente vinculada à psique humana e ao meio ambiente, haja vista que a capacidade de agir não se reserva apenas para um polo dessa relação, tanto o ecossistema quanto o ser humano atuam um sobre o outro.

Diante das crises que assolam o século XXI, dessa maneira, apenas a mente consciente falha com o propósito de amenização, uma vez que o mundo parece seguir para uma categoria irreversível; mas se atentar para o oposto da consciência caberia incorporar nas análises econômica e política a vida englobando pontes emocionais inconscientes, que se destinam para além das medidas *eficientistas*.

Dessa forma, o inconsciente enquanto objeto de estudo introduz no ecossistema a participação emocional do ser humano, que significa averiguar partes obscuras que impactam e são afetadas pelo ecossistema. Este gradiente de difícil observação introduz a espiritualidade no seu interior e desestabiliza, assim, os aspectos fundamentalistas, tanto das vias religiosas quanto científicas.

Segundo Jung (1964, p.212), não se pode esquecer que “o homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características ao longo de uma evolução mental milenária”; entretanto o grau de humanização do mundo é diminuído à medida que o progresso da produção e do consumo exacerbado aumenta.

Conclusão

Voltar-se para o aspecto espiritual da ecologia compreende evocar na alma humana a concepção de vida para além da dicotomia natural e artificial; mas estender a vida para dimensões que o sentido comum não consegue captar, como os aspectos simbólicos da humanidade e suas influências na vida individual e social.

Então o aspecto conflitivo entre o inconsciente e o ambiente é a pauta de discussão ecológica, pois nessa tensão abarca a matéria da própria manutenção da vida humana no planeta Terra. Já que esquecemos que com esse distúrbio ecológico a nossa participação na sinfonia da vida não se resume apenas na adoção de papéis sociais e morais conscientes, uma vez que a confirmação da vida no indivíduo atesta a sua participação anacrônica nas fases evolutivas da *Natureza*.

Dessa maneira, se a vida atinge instâncias obscuras, mesmo não sendo imediatamente reconhecidas, as tensões entre organização humana e ecossistema podem ser amenizadas quando se caracterizam aquelas como sistemas vivos ou abertos.

Assim a montagem de qualquer organização de produção ou de consumo poderá ter suas ações balizadas a partir da conscientização que a instituição faz parte da evolução do ecossistema.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa de doutorado (código 001) e Danubia Magalhães Soares pelo auxílio na revisão do texto.

Conflito de interesses: O autor declara que não tem nenhum possível conflito de interesse. **Aprovação do comitê de ética e consentimento informado:** Não é aplicável a este estudo. **Contribuição de cada autor:** Cláudio H.E. Oliveira desenvolveu a ideia e escreveu o artigo. **Contato:** Para consultas sobre este artigo deve dirigir-se a: (✉) mentor.ch.oliveira@gmail.com

Referências

- Capra, Fritjof (2002). *The hidden connections*. 5ª reimpr. da 1ª ed.; [Trad. pt-br.: *Conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Cultrix, 2005].
- Capra, Fritjof; Luisi, Pier Luigi (2014). *The systems view of life*. [Trad. Pt-br.: *Visão Sistêmica da Vida: Uma Concepção Unificada e Suas Implicações Filosóficas, Políticas, Sociais e Econômicas*. Trad. Mayra Teruya Eichenberg e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 2014].
- Francisco. Carta Encíclica *Laudato si* do santo padre Francisco – Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano Press. 2015. Consultado em: 11 de dezembro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf
- Jung, Carl. G., Henderson, Joseph. L., von Franz, M. -L., Jaffé, Aniela, Jacobi, Jolande, & Freeman, John. (1964). *Man and his symbols*. [Trad. pt-br.: *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017].
- Latour, Bruno (2015). *Face à Gaia: Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Editions La Découverte, Paris. [Trad. pt-br.: *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*/Bruno Latour. Trad. de Maryalua Meyer. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020].

Informação sobre o autor:

► **Cláudio Henrique Eurípedes de Oliveira**, doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em filosofia; graduado em Filosofia e Artes Visuais, UFU. Pesquisa: os dados intracelulares do corpo: artístico, cibernético e ecológico. **Contato:** Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila s/n, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. – (✉): mentor.ch.oliveira@gmail.com. – iD <http://orcid.org/0000-0003-1859-2393>.

Como citar este artigo

Cheo, Strondum. (2021). «O aspecto ecológico da espiritualidade diante do pensamento sistêmico». *Analysis* 28: pp. 01–10.